

Direitista vence eleição na Costa Rica com discurso linha-dura

Laura Fernández se elegeu com discurso inspirado em Nayib Bukele, de El Salvador

Reprodução X/ @laurapresi2026

A cientista e ex-chefe de gabinete de Rodrigo Chaves, Laura Fernández, foi eleita neste domingo (1º) presidente da Costa Rica, com 48,7% dos votos. Integrante do PPSO (Partido Soberano do Povo), ela venceu com a promessa de dar continuidade ao governo em um país marcado pelo aumento da criminalidade, tema central da campanha.

Ao todo, 20 candidatos disputaram a Presidência. O segundo colocado foi Álvaro Ramos, do PLN (Partido da Libertação Nacional), com 33,18% dos votos. Ele também é ex-integrante do governo Chaves e chefiou o sistema de previdência social no início da atual gestão.

O aumento de assassinatos no país fez a criminalidade ser a questão central da corrida presidencial. Em 2025, o índice de assassinatos no país chegou a 16,7 a cada 100 mil habitantes, um dos maiores já registrados e só um pouco menor do que o do Brasil em 2024, por exemplo. Foram 873 mortes, apenas três a menos do que no ano passado. O ano recordista é 2023, com 905 homicídios.

Cerca de 40% dos eleitores apontaram a violência como o maior problema do país, contra apenas 4% há quatro anos, quando Chaves foi eleito.

Abertamente simpatizante de Nayib Bukele, Laura recebeu a bênção do presidente de El Salvador durante a campanha. “Se a próxima



Laura Fernández Delgado foi eleita presidente do Costa Rica no primeiro turno

gestão der continuidade aos projetos desse governo, não duvido que os melhores dias da Costa Rica estão por vir”, afirmou o salvadorenho em uma mensagem por vídeo divulgada pelo governo de Chaves em setembro.

Bukele parabenizou Fernández pela vitória. “Desejo o maior dos sucessos em seu governo e tudo de melhor para o querido povo irmão da Costa Rica”, escreveu ele em um post

no X. Em seu discurso de vitória no domingo (1º), a presidente eleita disse que sua gestão “nunca” permitirá “o autoritarismo e a arbitrariedade”, mas que mudará as “regras do jogo político”, sem dar detalhes.

Fernández, herdeira política do presidente Rodrigo Chaves, é acusada por seus adversários de querer levar o país pelo caminho do autoritarismo com suas propostas de mão dura contra o narcotráfico e de

reformas dos poderes do Estado.

“Eu, como nova presidente da República, não vou permitir nunca” o “autoritarismo” e a “arbitrariedade” que “ninguém quer” na Costa Rica, expressou entre vivas de seus apoiadores em um hotel da capital.

Autoridades locais atribuem a violência, entre outros fatores, a uma mudança na rota do narcotráfico internacional, que passou a usar a Costa Rica para armazenar

cocaína proveniente da América do Sul antes de transportar a droga aos Estados Unidos e à Europa.

Para enfrentar o problema, Fernández aposta em conquistar a maioria dos 57 membros da Assembleia, cujos cargos também estavam em disputa neste domingo, com o objetivo de reformar a Constituição e intervir no Judiciário, que considera um entrave no combate ao crime organizado.

A história é conhecida. Foi a partir da conquista do Legislativo que Bukele destituiu juízes da mais alta corte salvadorenha e concentrou poder para levar a cabo a sua guerra contra gangues, constantemente criticada devido a denúncias de violações de direitos humanos e prisão de inocentes.

Conhecida pela neutralidade, a Costa Rica aboliu seu Exército em 1948 e se consolidou como um refúgio na América Central ao longo do século 20, quando seus vizinhos passavam por sangrentas guerras civis.

A despeito das críticas, Chaves continuou apostando em políticas linha-dura inspiradas em seu homólogo salvadorenho.

Em janeiro, o presidente começou a construção de um presídio nos moldes do Cecot (Centro de Confinamento do Terrorismo), famoso complexo para membros de gangues de El Salvador, em uma cerimônia com a presença de Bukele.

Após ser advertido pelos Estados Unidos, o Irã negou ter planejado conduzir exercícios militares com tiro real no estreito de Hormuz, a estratégica passagem de 20% do petróleo e gás do mundo que separa o país da península Arábica.

As manobras haviam sido anunciadas pela Press TV, uma emissora de língua inglesa controlada pela teocracia e vista como porta-voz dos interesses da poderosa Guarda Revolucionária.

Na quinta-feira passada (29), o canal havia dito que o treino do braço naval da Guarda ocorreria no domingo (1º) e nesta segunda (2). Teerã emitiu alertas para restringir a navegação nas áreas em que haveria disparos.

Na sexta, o Centcom (Comando Central das Forças Armadas dos EUA, no acrônimo em inglês) fez um alerta.

“O Centcom insta a Guarda Revolucionária a conduzir os exercícios navais anunciados de uma forma que seja segura, profissional e evite riscos desnecessários para a liberdade de navegação do

Irã nega exercícios militares após advertência dos Estados Unidos

tráfego marítimo internacional”, disse o comando em nota.

“O estreito de Hormuz é uma passagem marítima internacional e é um corredor comercial que sustenta a prosperidade econômica regional”, completou o Centcom.

Ato contínuo, no domingo uma autoridade iraniana que não foi nominada pela Reuters disse à agência de notícias que o relato da Press TV estava errado, o que parece basicamente improvável dado o controle que a Guarda exerce sobre a emissora.

Na véspera, houve um incidente nebuloso que adiciona contexto ao aparente recuo. Explosões atingiram o porto de Bandar Abbas, o principal centro de operações do Irã no estreito, matando ao menos cinco pessoas.

O regime afirmou que elas fo-

ram causadas por vazamentos de gás, mas a tensão reinante levou a outras especulações.

Seja como for, a pressão exercida pela escalada de Donald Trump na região, para onde os EUA enviaram um grupo de ataque de porta-aviões e inúmeros ativos militares parece estar encaminhando alguma negociação com Teerã.

No domingo, Trump foi menos belicoso que o normal. “Espero que cheguemos a um acordo. Se não chegarmos a um acordo, então descobriremos se ele estava certo ou não”, disse ele, acerca da ameaça feita pelo líder supremo do Irã, Ali Khamenei, de que um ataque americano dispararia uma guerra regional ampla.

O americano também afirmou que havia tratativas em curso para reabrir as negociações, que há

uma década não ocorrem de forma direta entre Washington e Teerã. Com efeito, o preço do petróleo Brent, caiu quase 5% na abertura do mercado nesta segunda.

Desde seu primeiro mandato, Trump quer ver derrubada a teocracia rival dos EUA. No ano passado, ajudou Israel em sua guerra de 12 dias contra o regime com um ataque direto a instalações de seu programa nuclear, na esperança de que isso enfraquecesse o governo.

De fato o minou, mas também aumentou a repressão interna. No fim de 2025, protestos começaram nas ruas devido à crise econômica, e rapidamente se tornaram os maiores atos contra o regime islâmico desde sua fundação, em 1979. ONGs estimam mais de 5.000 mortes pelas forças de segurança.

O país está sob um blecaute de

internet, mas o governo parece ter retomado controle da situação. Trump, no auge dos atos, prometeu enviar ajuda aos manifestantes. De fato cercou o Irã de navios e aviões de ataque, mas agora mudou o foco para o programa nuclear dos aiatolás.

Em 2018, republicano havia retirado os EUA do acordo que trocava o fim de sanções econômicas ao compromisso de que o Irã não desenvolveria a bomba atômica.

Isso desmontou o arranjo ao fim, e hoje o país persa acumulou ao menos 400 kg de urânio enriquecido a um nível suficiente para talvez 15 armas de baixo rendimento. Não se sabe o quanto disso sobreviveu ao ataque americano de junho passado.

Não houve avanços na negociação desde então também, levando à escalada atual, que é temperada pelo voluntarismo de Trump após o sucesso em capturar o ditador Nicolás Maduro há um mês. O venezuelano é uma aliado do Irã, mas as condições operacionais em caso de conflito agora são bastante mais complexas para os EUA.

Por Igor Gielow (Folhapress)